

---

ESTUDO DA POLÍTICA CHINESA

---

*J. A. Oliveira Rocha*

---

## ESTUDO DA POLÍTICA CHINESA

---

### I

De harmonia com Harry Harding <sup>(1)</sup> a pesquisa científica da política chinesa contemporânea pode ser dividida em duas fases distintas. A primeira respeita à maior parte de estudos da política chinesa produzidos nos anos sessenta; a segunda fase inclui os trabalhos dos anos setenta, durante a qual houve uma forte influência da Revolução Cultural. Estas duas gerações — assim como a terceira que já começou — podem ser diferenciadas acima de tudo pelas suas fontes de informação, o seu nível de conceitualização e a sua relação com o campo maior da Política Comparada.

A primeira geração produziu relativamente poucos estudos. Estes incluem fundamentalmente as seguintes obras: de Barnett, *Cadres, Bureaucracy, and Political Power in Communist China*; de Lewis, *Leadership in Communist China*; e de Vogel, *Canton Under Communism* <sup>(2)</sup>.

A maior parte do trabalho da primeira geração foi descritivo, usando fundamentalmente fontes oficiais chinesas. Porque a sociedade chinesa estava fechada para os Ocidentais e a informação saída da China era cuidadosamente controlada pelo governo chinês, a mais importante fonte de dados era a imprensa oficial do regime, incluindo jornais e revistas teóricas. Por outro lado, esta primeira geração de cientistas políticos da China moderna foi levada a descrever toda a China sem procurar compreender a variação entre gerações, ou entre as várias províncias <sup>(3)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Ver Harry Harding, «The Study of Chinese Politics: Toward a Third Generation of Scholarship» in *World Politics*, Vol. XXXV, n.º 1, de Janeiro de 1984, pp. 285-307. Acerca deste problema ver também Chalmers Johnson, «What's wrong with Chinese Political Studies», *Asian Profile*, Vol. XXII, Outubro de 1982, pp. 919-933.

<sup>(2)</sup> A. D. Barnett, *Cadres, Bureaucracy and Political Power in Communist China*, New York: Columbia University Press, 1967; J. Wilson Lewis, *Leadership in Communist China*, Ithaca, N. Y.: Cornell University Press, 1963; Ezra Vogel, *Canton Under Communism: Programs and Politics in a Provincial Capital, 1949-1968*, Cambridge: Harvard University Press, 1969.

<sup>(3)</sup> Harding, *op. cit.*, p. 289.

## II

Nos finais dos anos sessenta e princípios dos anos setenta temos não só a Revolução Cultural na China, mas também uma revolução no ramo da Ciência Política dedicada a questões chinesas. Assim, enquanto a primeira geração usou fundamentalmente a imprensa oficial suplementada por entrevistas com refugiados, a segunda assenta principalmente em material da Guarda Vermelha. Este novo tipo de informação tornou possível o movimento do estudo da política chinesa do geral para o específico e do formal para o informal.

Entre os mais importantes trabalhos deste período podemos citar o livro de Pye, *The Spirit of Chinese Politics* e o de Solomon, *Mao's Revolution and the Chinese Political Culture* (4).

## III

Reconhecendo que a China pode ser analisada como uma sociedade transicional, entre a tradicional e a moderna, o professor Pye tenta aplicar os conceitos e modelos que deram «vitalidade ao estudo do desenvolvimento no mundo Afro-Asiático» (p. V). O seu objectivo é estudar a especificidade nacional e os traços de personalidade que inspiram e modelaram a cultura política Chinesa desde o tempo da dinastia de Manchu até Mao Tsé-Tung» (p. VII).

A sua tarefa consiste em «descrever a constelação de sentimentos e atitudes que devem ter existido para que o sistema político chinês se tenha desenvolvido tal e qual existe hoje» p. VIII. Para conseguir este objectivo Pye escolheu escrever este trabalho deixando o problema dos dados para outros.

O argumento pode enunciar-se desta forma: A China não passou pela crise de identidade dos sistemas transicionais; em vez disso, teve a necessidade de adoptar formas novas de autoridade que permitissem aos chineses reafirmar a histórica auto-confiança e também providenciar a base para uma

---

(4) Lucien Pye, *The Spirit of Chinese Politics: A Psycho-Cultural Study of the Authority Crisis in Political Development*, The MIT Press, 1968; Richard H. Solomon, *Mao's Revolution and the Chinese Political Culture*, Berkeley, University of Calif. Press, 1971.

reorientação da sociedade. Segundo Pye, a sociedade chinesa tradicional caracteriza-se pela auto-repressão com grande importância dada à hierarquia, ideologia e educação. Logo que este sistema entra em ruptura, o problema de controlar a agressão complica o processo em ordem estabelecer novas formas de autoridade. Os primeiros cinco capítulos do livro são uma análise deste argumento na experiência histórica chinesa. Quando os chineses persistem num estilo político depois da realidade ter mudado, solta-se uma onda de emoção que descrita como a «descoberta do ódio».

Nos capítulos seis e sete Pye analisa a família chinesa, os seus padrões de socialização e particularmente as suas imagens de autoridade. Isto requer a consideração dos sentimentos relativamente a autoridade e uma exploração das suas origens e funções na personalidade chinesa. A análise de Pye deriva dos sentimentos chineses com ênfase na piedade filial, numa absoluta negação de todas as formas de agressão e na visão rígida das relações humanas. Estas características são inculcadas através da socialização da família.

O livro conclui sumariando os problemas da China para o futuro.

A teoria da crise de autoridade de Pye é adequada para explicar a sociedade pré-comunista. Todavia, quando a esta teoria é aplicada ao período comunista, começaram a aparecer problemas. Antes de mais o termo autoridade não é mais sinónimo de paternalismo, o qual foi condenado em numerosas «campanhas de rectificação» (5). Ao contrário do mandarim, o quadro do partido está sempre em situação de insegurança. A análise de Pye baseia-se principalmente no seu conhecimento da China tradicional, do seu estudo empírico dos emigrantes chineses e diálogos com refugiados em Hong-Kong. As fontes secundárias que usa para seleccionar informação consistem fundamentalmente em estudos da sociedade tradicional. Ora o uso da história chinesa tradicional para explicar o comportamento da China revolucionária e dinâmica é claramente inadequado. De resto, o autor reconhece a natureza dinâmica da nova ordem, mas assume que o processo de socialização permanece o mesmo. «...Desde que a única coisa que os pais têm sido capazes de fazer é agir de harmonia com as suas próprias naturezas, têm transmitido aos filhos muito daquilo que eles

---

(5) Ver Mao Tse-Tung, «On New Democracy» in *Selected Works*, Vol. III, N. Y.: Selected Publishers, 1955, pp. 141-151. E ainda «On methods of Leadership», in *Selected Works* Vol. IV, pp. 111-117.

aprenderam» (p. 107). Sem dúvida que é difícil dizer quanto da cultura tradicional ainda existe, mas claramente tem havido muitas mudanças. A família, por exemplo, não mais representa um papel importante no processo de socialização política como foi anteriormente. Instituições secundárias como a escola desempenham um papel dominante, socializando as crianças na política (6).

#### IV

A análise de Solomon representa uma tentativa para compreender a dinâmica cultural da vida política da China e examinar os esforços de Mao Tsé-Tung para remodelar esta tradição social. Segundo o autor só esta perspectiva permite compreender fenómenos como «O Grande Passo em Frente» e a «Revolução Cultural». Para explicar estes fenómenos Solomon usa um processo interpretativo ou hermenêutico (7). Ele di-lo várias vezes na introdução.

Para compreender as acções de Mao Solomon estudou os antecedentes da revolução chinesa e a tradição de Confúcio. Esta investigação constitui a primeira parte do trabalho onde se investiga a cultura política tradicional. A ideia principal é que a educação, e, em geral, o processo de socialização cria um claro padrão de atitudes relativamente à autoridade — familiar administrativa ou política — que insiste em evitar o conflito quando confrontado com autoridade. A política e a família chinesa são contra a mudança. A política chinesa era por isso profundamente conservadora. Os

---

(6) Segundo o Professor Myers a visão Confuciana vinha desaparecendo desde a Guerra do Ópio, constituindo o movimento de Quatro de Maio a culminação do repúdio de Confúcio, símbolo da Cultura e da história chinesa. Foi Mao Tse-Tung quem tentou construir um sistema explanatório coerente destinado a explicar a revolução e a validar o governo estabelecido em 1949. (*Socialist Spiritual Civilization and Cultural Pollution: The Problem of Meaning*, em publicação).

(7) A principal reivindicação da perspectiva hermenêutica é a de que o sentido das coisas é uma coisa real. Acções e práticas sociais ou convenções são significantes porque o mundo social é criação do homem. Por outro lado, as acções humanas são objecto de habitação e são institucionalizadas (Peter L. Berger and Thomas Luckmann, *The Social Construction of Reality*, N. Y.: Anchor Books, 1967).

A essencial característica da interpretação é o chamado círculo hermenêutico: o significado dum parte só pode ser explicado, colocando-a no seu contexto e o todo só pode ser interpretado em termos do significado das partes (Richard J. Bernstein, *Beyond Objectivism and Relativism: Science, Hermeneutics and Praxis*, Philadelphia: Univer. of Pennsylvania Press, 1983).

chineses têm maior disponibilidade para tolerar uma política repressiva e um governo arbitrário do que os ocidentais, sujeitos a um outro tipo de forças.

Partindo desta constatação, Solomon então explica como a China se tornou uma barafunda. A sua resposta é que um só homem, Mao Tsé-Tung, manejou no sentido de liderar o processo de socialização que moldou chineses. Usando alguns dos desenvolvimentos da história chinesa (período dos «Senhores da Guerra» de 1920's e a invasão japonesa dos anos 1930's) descreve um partido que gradualmente lidera um povo a pôr de lado o sistema antiquado. A confusão (Luan) criada por estas históricas circunstâncias leva Mao a juntar um grande número de pessoas num esforço de moldar completamente a sociedade chinesa. Desta forma, segundo Solomon, a chave da revolução chinesa foi a relação entre o líder, Mao, e os outros chineses (os quais têm todos os enviesamentos não revolucionários das culturas políticas tradicionais).

As últimas duas partes do livro compreendem uma longa ilustração histórica desta tese. A história da revolução não é nada mais do que a da relação entre o líder e as massas, dentro e fora do partido. A descoberta da «verdade» por parte do líder (não a do Marxismo, mas a da natureza da Cultura política chinesa) leva-o a dedicar a sua vida a informar os seus irmãos da sua descoberta e a força-los a mudar para melhor, quer gostem ou não.

Assim a história da revolução chinesa é a história do sucesso de Mao em criar uma nova cultura política para substituir a antiga. A «Revolução Cultural» é deste modo vista por Solomon como a terceira grande marcha que culminou com a tomada do poder em 1949, e o movimento dos «Cem Flores» e do «Grande passo em Frente» — 1957-1959). O problema é que a longo prazo, a luta contra a cultura tradicional é desigual. Recentes observadores concluem que os velhos hábitos não só não foram irradiados, como também se tornam mais poderosos que nunca <sup>(8)</sup>.

A análise de Solomon é fundamentalmente circular na sua derivação dos traços centrais da cultura política chinesa. Em primeiro lugar, refere a literatura chinesa clássica e compara-a com os inquéritos feitos a grupos de chineses em Hong-Kong e Taiwan, e conclui que a estrutura política

---

(8) Ver Judite Stacey, «China's Socialist Revolution Peasant Families, and uses of the Past» *Theory and Society*, Vol. 9, March. 1980, pp. 269-283.

assim revelada deve reflectir a realidade visto que é congruente com o testemunho dos escritores tradicionais. Todavia a amostra é pequena (menos de cem), apenas do sexo masculino e, em vez de ser aleatoriamente escolhida, é deliberadamente enviesada para reflectir a diversidade regional e a distribuição em termos de idade. Em termos de «background» económico, os respondentes são originários das classes superiores dos emigrados chineses, o que acarreta sempre o perigo de enviesamentos por motivos de tipo pessoal. Por outro lado, a variância é extrema e, mais importante ainda, fica por demonstrar que as características analisadas sejam as mais centrais da cultura política chinesa.

Solomon falha em explicar adequadamente como aconteceu que só Mao tenha escapado ao fado de outros chineses, tendo emergido como salvador em vez de ser rejeitado pelas massas como um excêntrico. O estudo da política contemporânea chinesa está presentemente em período de transição<sup>(?)</sup>. A nova vaga de cientistas políticos estuda as reformas propostas por Deng Xiaoping nos finais dos anos setenta. A análise do conteúdo destas reformas, a base de suporte, a modificação em face da oposição política, os padrões da sua implementação através do país e da sua capacidade para melhorar o sistema político-económico da China constitui a maior tarefa da terceira geração de estudiosos do mundo chinês.

Em segundo lugar, a nova geração pode utilizar fontes de informação não possíveis no passado. Estas incluem as informações de pesquisa directa e consulta de arquivos. É possível agora também observar directamente o processo político chinês.

Em terceiro lugar, a nova geração deve procurar que o estudo da política chinesa se integre gradualmente na área de Política Comparada. O excepcionalismo chinês — um dos factores que obstou ao estudo comparado da China na segunda geração — desapareceram quase completamente. Na verdade, os desenvolvimentos que seguiram à morte de Mao levaram a comparações das reformas da China com a União Soviética e Europa de Leste.

Finalmente, a nova geração deve compreender os enviesamentos das novas fontes de informação. Muita desta informação é o resultado do que os líderes chineses escolheram revelar à cerca da sua história política desde

---

(?) Existem já dois importantes livros neste período: Lucian Pye, *The Dynamics of Chinese Politics*, Cambridge, Mass.: Oeldeschlager, Gun & Hain, 1981 e Frederick C. Teiwier *Politics and Purges in China*, White Plains, N. Y.: M. E. Sharpe, 1979.

1949. As revelações sugerem uma significativa reinterpretação do período de 1959 a 1976, particularmente as origens da «Revolução Cultural» e a luta pelo poder por parte do «bando dos quatro». O perigo é que a versão revista da história oficial chinesa pode ser acriticamente recebida e apresentada como dado científico independente. O mesmo tipo de análise mítica aplicada ao maoísmo deve ser aplicada ao dengismo.

*J. A. Oliveira Rocha*

Ph. D. pela USC (Colúmbia) — USA  
e Professor da Universidade do Minho.